

## Por uma Pedagogia do Silêncio

Eduardo Guedes Pacheco  
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS  
edupandeiro@gmail.com

**Resumo:** Este texto apresenta a pesquisa em andamento intitulada Por uma Pedagogia do Silêncio, investigação que toma o conceito de silêncio para tratar da formação de professores de música. Através de provocações feitas por pensadores, músicos e professores, entre eles John Cage, Gilles Deleuze, Silvio Ferraz e Sandra Corazza esta investigação tem entre seus objetivos problematizar a formação de professores de música tendo o silêncio como conceito provocador de ações docentes e estudar sobre como a composição em arte pode contribuir com as discussões que envolvem este campo de formação. Como metodologia assume as proposições realizadas por Virginia Kastrup e Sandra Corazza no que diz respeito a invenção de um caminho metodológico livre de pré-determinações e afastado das vontades de formatações delimitadas por perfis e identidades docentes. Esta é uma pesquisa em fase inicial que propõe tratar da formação de professores de música como se tratam das criações de obras de arte.

**Palavras chave:** Formação de Professores. Composição.

### Pedagogia do Silêncio

Peter Pelbart em entrevista concedida a Revista Continente (acesso em 19/07/2016) afirma que atualmente vivemos uma saturação de imagens, palavras, sons e estímulos, uma espécie de mobilização total de todos os sentidos. O pensador propõe que esta hiperconectividade nos conduz ao automatismo ligado a necessidade de gerarmos respostas, estas expressas por um incentivo ao movimento constante exercido pela necessidade de conexão virtual. Relação esta que expressa nada mais que uma modalidade de controle. O entrevistado sugere que uma forma de enfrentamento para tal situação poderia se configurar na criação de silêncios para que possam surgir coisas não previstas, não formatadas previamente. Já o compositor e escritor John Cage assume esta possibilidade ao tratar do silêncio como elemento composicional em arte, em especial em música. O pensador português Rui Canário (2005) nos lembra, a Modernidade inaugura uma forma inédita nas situações de Educação, o professor fala

para todos como se todos fossem um, produzindo outro tipo de silêncio. A partir da exposição destas ideias este trabalho apresenta sua intenção de apresentar uma pesquisa em andamento que trata do silêncio como possibilidade de criação no contexto da formação de professores de música.

Ao escolher as proposições acima apresentadas este texto assume que sua intenção é duvidar, questionar as relações e as regras que conduzem a organização dos espaços educacionais pautados por relações hierárquicas que desqualificam aqueles que estão posicionados nos lugares de subalternidade no contexto escolar e, no entendimento desta pesquisa, burlar as relações hierárquicas é também, para além do anúncio já realizado, buscar por transformações. Transformar os conteúdos, os conhecimentos, buscando assim, que novas relações entre aqueles que atuam nos espaços educacionais aconteça também pela produção de conhecimento inédito. Para tanto, Cage nos convida a pensar tal questão.

Alguns compositores com preocupações políticas não demonstram tanto, em sua obra, as mudanças desejadas na sociedade, uma vez que usam a sua música como propaganda para tais mudanças, ou como uma crítica da sociedade na medida em que ela continua a mudar de modo insuficiente. Para isso é necessário o uso de palavras. Os sons por si mesmo não são capazes de passar mensagens. E quando não usam palavras, os compositores com preocupações políticas tendem a retroceder para as práticas musicais do século XIX (CAGE, 2006).

Não basta que anúncios sejam realizados, é necessário que o exercício artístico expresse os valores anunciados pelas preocupações políticas. Para tanto devemos lembrar que,

as obras primas da música ocidental exemplificam monarquias ou ditaduras. O compositor e o regente: o rei e o primeiro ministro. Ao criarmos situações musicais que constituem analogias de circunstâncias sociais desejáveis, ainda não alcançadas, tornamos a música sugestiva e relevante para as questões sérias que afrontam a Humanidade (CAGE, 2006).

Portanto, seria possível que as ações em Educação Musical possam acontecer como experimentação de circunstâncias sociais desejáveis ainda não alcançadas propondo que os espaços de Educação Musical tratem as questões sérias que afrontam a Humanidade?

A Pedagogia do Silêncio toma como principal inspiração a peça do compositor já citado 4' 33", obra onde o músico ao sentar para tocar piano fica durante um tempo em silêncio, provocando a produção sonora da plateia, movimento este produzido pelo desconforto daqueles que assistiam a execução de uma música silenciosa. Tomando o silêncio do músico como propulsor de outras sonoridades, a Pedagogia do Silêncio busca

na super inflação da atuação do professor de Música (a falação, a condução da criação, a condução da performance) a possibilidade para que outras vozes possam soar nos espaços educacionais. E a produção do silêncio da voz do professor a principal fonte para a busca por sonoridades inéditas nas salas de aula.

Ajudam na elaboração deste conceito proposições feitas pelos filósofos Gilles Deleuze e Feliz Guattari (1992). Para estes pensadores Filosofia, Ciências e Artes são as formas que a humanidade escolheu para tentar organizar o caos da vida. Estas três possibilidades se constituem em formas de pensamento onde cada uma delas possui suas características. Se a Filosofia produz Conceitos, a Ciência Construtos a Arte é uma forma de pensamento que produz Sensações. As três formas se expressam através da criação, no entanto cada uma ao seu modo. Assim, o entendimento que a Pedagogia do Silêncio assume sobre a Arte é que ela não é da ordem da comunicação, mas sim da produção de sentidos. Um músico pensa através de acordes, assim como um filósofo o faz através da criação de conceitos. Desta forma, o entendimento sobre Arte escolhido pela Pedagogia do Silêncio apresenta uma possibilidade de problematização da presença da Música nos espaços educacionais pautada por relações guiadas pela exclusividade da cognição. Esta proposta exprime a vontade de que o desenvolvimento e crescimento humanos estejam conduzidos, não somente pela razão, mas também pela produção de sentidos nos contextos educacionais. Para tanto, este trabalho escolhe tratar os espaços educacionais como lugares identificados com a composição em Arte. Para o filósofo músico Silvio Ferraz, a composição não busca formas de organização. O que ela busca é realizar encontros entre, corpos, figuras, sons, materiais que ao se encontrarem produzam potências de sensação.

Compor é desenhar um lugar, preestabelecer o que tem por lá, por algumas pedras, umas passagens, umas saídas, criar umas ranhuras que possam, quem sabe, atrapalhar uma visão que era clara, Criar uma obra musical não se ocupa dos mesmos passos que se cumprem para organizar uma biblioteca, pelo menos uma biblioteca convencional. Neste tipo de lugar, a forma como os livros estão dispostos no espaço (FERRAZ, 2005, p. 97).

A partir desta escolha de entendimento, a atuação docente de Música passa a fazer parte das possibilidades dos movimentos de uma composição. A proposta é que o professor, ao realizar o seu silêncio possa propor que as relações, a produção e as situações que envolvem os espaços de atuação docente sejam guiadas pelas vontades compartilhadas com a criação em Arte. O que define suas potências são as qualidades

dos encontros e suas forças. Desta forma, o espaço educacional é um lugar em constante devir. São afastados os entendimentos pré-definidores e autoritários. A atuação docente se afasta das possibilidades de mediação e o professor passa a ser um compositor de ações, de relações e produções com o conhecimento, onde os demais presentes (alunos e alunas) não ocupam posições de passividade, mas sim de compositores, assim como seus professores. O que cabe ressaltar, com já indicado neste texto, o conhecimento em Arte aqui proposto é entendido com produção de sensações, no entanto, as formas de pensamento propostos por Deleuze e Guattari (1992) não atuam isoladamente. Esta produção de sensações é percorrida pela produção de conceitos e pelas proposições feitas pela ciência. Assim, ao produzir sensações como produtos das escolhas da Arte, estamos também problematizando outros campos de criação. Para tanto, a escolha aqui realizada opta por propor que a docência seja experimentada através de encontros que problematizem seus lugares de conforto.

Para tanto a escolha é entender que a ação docente tenha como guia a “artistação”, aqui entendida como o inventar constante do viver. É no seu livro *Nascimento da Tragédia* (1991) que Friedrich Nietzsche nos convida a pensar sobre possibilidade de tratarmos a vida como obra de Arte, ou seja, que possamos inventar nossa vida, compor, e que nossos “eus” possam não ter posições fixas, e sim lugares de transições coloridos por nossas vontades de criação, vontade essa que possibilita que o sujeito deixe de ser um lugar determinado. Esta é a proposta da Pedagogia do Silêncio, propor que a atuação docente possa ser conduzida pelas opções realizadas na criação em Arte. Desta forma, estudar sobre a formação de professores de música através da provocação feita pelo silêncio não tem simpatias pela construção de identidades, perfis e modelos para um sujeito docente.

Desse modo, um professor etiquetado com Tradicional, um pedagogo rotulado como Construtivista, ou um educador definido como Progressista poder ser atravessados por devires múltiplos: por um devir-simulacro, que coexiste com um devir-mulher, com um devir-criança, com um devir-animal, com um devir-negro, com um devir-poético, com um devir imperceptível. Devires que ligam a processos de singularização e remetem à problemática da multiplicidade; processos e problemática que excluem a obsessão - que o pensamento da Representação instalou no campo educacional - de encontrar, formular ou reconhecer um perfil, identidade, função, papel e O Professor; os quais retificam uma natureza pedagógica verdadeira, uma essência universal de professor, uma arcaica vocação educadora, um modo certo de planejar, de dar aula, de avaliar, de formular um currículo (CORAZZA, 2013).

O silêncio, conceito provocador tomado de John Cage para a realização desta pesquisa, não é tomado, entendido e utilizado com falta, negação. Na música, “na prática o silêncio não é a ausência de uma presença, mas a presença de uma ausência: uma ausência que se faz ouvir, que faz diferença, que produz.” (HELLER, 2008, p.16). Ao traduzirmos esse entendimento para as ações docentes, o silêncio do professor passa a ser entendido como um gesto, uma atitude. Uma forma de provocação, de questionamento, uma ação pedagógica que se faz presente através de um movimento, o silêncio. Portanto, as questões que ajudam a compor este trabalho são: Como o silêncio enquanto conceito pode ajudar a compor ações docentes em Educação Musical? Que possibilidades podem ser criadas no que diz respeito a formação de professores de música a partir de que conceitos que envolvam a composição em arte?

Para tanto os objetivos desta pesquisa são:

- Problematizar a formação de professores de Música tendo como guia o conceito de Silêncio proposto por John Cage.
- Estudar os espaços educacionais dedicados a música na perspectiva da composição em Arte para criações em Música, docências e vida.
- Realizar contribuições para as discussões que envolvem a formação de professores de música.

## METODOLOGIA

Tomando como referência a colocação feita por Paul Valéry (1998) que diz, “Método faz pensar em alguma ordem muito bem definida de operações”, a proposição metodológica para a realização desta pesquisa busca se afastar das concepções que tratam as metodologias como caminhos pré-definidos, condutas determinadas que indicam antecipadamente os passos, as formas com que o processo de investigação deve acontecer. A partir desta perspectiva, o que este trabalho deseja problematizar são as concepções metodológicas que se impõem como palavras de ordem definindo previamente as regras que definem um caminho predeterminado na partida (KASTRUP, 2001). Afastando-se dos modelos de pesquisa que têm na tomada de fatos o critério para sua realização (empirismo), a razão como guia que proporciona um encontro entre o racional e a realidade (racionalismo), da pesquisa que atribui exageros afetivos ao pesquisador e pesquisados, foco nas subjetividades, indivíduos, no Eu, nas investigações carregadas de nostalgia, na busca por algo a ser reconstituído (romantismo) esse

trabalho dirige sua energia para a criação (CORAZZA, 2008). A proposta é que os lugares comuns (da formação de professores de música) deem espaço para que outras energias possam ser experimentadas, possibilitando a criação de novas formas de pensamento que questionem e ultrapassem verdades. Traçar uma rota que proporcione encontros com o fora da formação de professores, “o não estratificado, o informe, um espaço anterior, espaço de singularidades, onde as coisas não são ainda, uma abertura para o futuro” (LEVY, 2010, p. 3). Desta forma, esta pesquisa não

tem nem uma sujeição ao dragão dos valores estabelecidos (aos sistemas, aos idiomas, às técnicas, às ideologias, à moral, às estéticas, aos valores transcendentais, etc.) nem um compulsivo dizer não, uma tentativa de criar novos valores para substituir os antigos, mas sim uma vontade de potência, um gosto pelo risco, pelo jogo, necessidade de produção, de criação: vitalidade pulsante (COSTA, 2007 p. 148).

A partir desta perspectiva, a realização da pesquisa intitulada *Pedagogia do Silêncio* não busca lugares de conforto proporcionados pela busca de respostas, mas sim, através da composição criar questões, problemas, que busquem inventar territórios de problematização e composição voltados aos espaços de Educação Musical. Para isto, esta proposta apresenta a possibilidade de,

uma pesquisa-Arte[1] partindo da premissa da continuidade entre teoria e prática, pesquisa e criação, Arte e vida. Para superar tais conjuntos binários recorre-se à noção de Pesquisa Performativa, segundo Haseman um paradigma emergente no mundo das Artes em que a prática, em vez de ser tratada como objeto de pesquisa, é a principal atividade do pesquisador, sem constituir-se como objeto de pesquisa, a prática é metodologia. Na pesquisa performativa “conhecido e conhecedor interagem, conformam e interpretam-se mutuamente” (HASEMAN, 2006 p.7).

Pesquisar abrindo mão de dualismos, não somente aqueles ligados as separações entre teoria e prática, mas também àqueles dedicados a tratar das duplas verdadeiro/falso, certo/errado, bonito/feio entre outros, os quais ajudam a criar uma perspectiva sobre a Educação que se limita a tratar as possibilidades de desenvolvimento, produção e criação a partir da exclusão e da negação daquilo que não é considerado apto, correto, verdadeiro. Uma pesquisa,

despojada de qualquer significação prévia, pois forma-se na anulação dos referentes externos e nos sentidos transcendentais anteriormente construídos. Seus movimentos são expressivos em relação aos sujeitos, objetos, temáticas, já que é uma pesquisa que não consiste num ato subjetivo decorrente de condições

empíricas negativas, como a ignorância do pesquisador; nem objetiva ultrapassar obstáculos de desconhecimento acerca de algum fenômeno, como se pesquisar fosse a passagem do não-saber ao saber (CORAZZA, p. 36, 2013).

Não se tratando de uma passagem de estado, os movimentos aqui propostos acontecem pelas possibilidades de encontro, pelas possibilidades de movimentos composicionais que são estabelecidos nos espaços de educação. “O que é” não é mais a pergunta ser feita, dando espaço para outras qualidades de interrogação. Perguntar como, por que, quando, onde, quem cria? (DELEUZE, 2006). Ao tratarmos da Educação, em especial, da formação de professores de música como um espaço de múltiplas aprendizagens, de múltiplos ensinamentos, estes não separados por distinções hierárquicas, a escolha aqui é de entender que,

a aprendizagem não se dá no plano das formas, não se trata de uma relação entre um sujeito e um mundo composto de objetos. Ao contrário, se faz num encontro de diferenças, num plano de diferenciação mútua, onde tem lugar a invenção de si e do mundo. Sujeito e objeto são efeitos, e não pontos de partida ou polos preexistentes (KASTRUP, p. 212, 2001).

A partir das proposições apresentadas, a concepção metodológica de realização deste trabalho segue a vontade de criar, ou seja, a realização desta pesquisa se apresenta com um ato de criação. Criação que escolhe inventar questões que possam nascer dos encontros com pensamentos, conceitos, ideias nascidas em espaços heterogêneos, distintos, que por sua vez, possam provocar o surgimento de desejos, vontades, questões, problemas comuns experimentados em territórios não iguais. Desta forma, criar problemas comuns a Arte e a Educação, problemas comuns a performance docente e a performance de músicos para além daquelas relações que não podem ser previstas já que nascem do próprio movimento criativo desta pesquisa (DELEUZE, acesso em 22/10/2012). Portanto, é também, uma pesquisa do Acontecimento, que busca a realização de uma crítica do campo educacional através da composição de novas maneiras de pensar, estas expressas pela singularidade da experimentação de cada envolvido (professores e alunos) num processo de artistagem inventiva da Educação (CORAZZA, 2013).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto apresenta uma pesquisa em fase inicial de suas ações. Desenvolvida no contexto de uma universidade pública, tem por intenção estudar sobre as ações dedicadas a formação de professores de música através da composição de ações que tratem do silêncio como conceito provocador de músicas, docências e encontros entre aqueles que desejam ensinar e aqueles desejam aprender sobre música.

## Referências

- CAGE, John. **O futuro da música**. In.: Escrito de artistas: anos 60/70 seleção e comentários. Tradução: Pedro Süssekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006. p. 311-330.
- CANÁRIO, R. **O que é a Escola**. Porto: Porto Editora, 2005.
- CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em Educação**. Porto Alegre. UFRGS; Coisa, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Os cantos de fouror**. Porto Alegre: Editora Meridional Ltda., 2008.
- COSTA, Rogério. **Livre improvisação e pensamento musical em ação: novas perspectivas (ou na livre improvisação não se deve nada)**. In.: Notas e gestos - relatos composicionais. Organizador: Silvio Ferraz. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2007. Cap. 9, p. 143 - 177.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- \_\_\_\_\_. **O ato de criação**. In.: [file:///D:/Meus%20documentos/Downloads/Gilles-Deleuze-O-Ato-de-Criacao%20\(2\).pdf](file:///D:/Meus%20documentos/Downloads/Gilles-Deleuze-O-Ato-de-Criacao%20(2).pdf). Acesso em 22/10/2012.
- \_\_\_\_\_. **Ilha Deserta: e outros textos**. Organização da Edição Brasileira e revisão técnica Luiz B. L. Orlandi. São Paulo. Iluminuras, 2006.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é Filosofia** 1ª Ed. Tradução: Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munöz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- FERRAZ, S. **O livro das sonoridades [notas dispersas sobre composição] - um livro de música para não-músicos para músicos**. 1ªEd. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2005.
- HASEMAN, B. **Manifesto for Performative Research**. Media International Australia incorporating Culture and Policy, theme issue "Practice-led Research", n.118, p.98-106, 2006.
- Disponível em: <[http://eprints.qut.edu.au/3999/1/3999\\_1.pdf](http://eprints.qut.edu.au/3999/1/3999_1.pdf)>.
- HELLER, A. A. **Jonh Cage e a Poética do Silêncio**. 2008. Tese (Doutorado em Literatura) - Centro de Comunicação e Expressão - Curso de Pós Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- KASTRUP, Virgínia. **Aprendizagem, Arte e Invenção**. In.: Nietzsche e Deleuze - Pensamento nômade. Org. Daniel Lins. Rio de Janeiro, Relume Dumará; Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2001.
- LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do Fora: Blanchot, Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia**. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- PELBART, Peter Pal. **Tudo e feito para a conexão absoluta, a mais saturada possível**. Continente, 29 de novembro 2015. Disponível em <http://www.revistacontinente.com.br/especial/19362-tudo-%C3%A9-feito-para-conex%C3%A3o-absoluta,-a-mais-saturada-poss%C3%ADvel.html>. Acesso em 19 de jul. 2016.